

PAPA PROPÕE PACTO PELA
EDUCAÇÃO

■ PÁG. 11

NOTA EM DEFESA DA
AMAZÔNIA

■ PÁG. 19

BOLSAS DE INCLUSÃO NA
UNICAP

■ PÁG. 21



INFORMATIVO DOS
JESUÍTAS DO BRASIL

EDIÇÃO 58
ANO 6
SETEMBRO/2019

Emcompanhia



**ALEGRIA QUE ELEVA
NOSSA ALMA A DEUS**

Comunhão e fraternidade no canto litúrgico

ESPECIAL PÁG. 12



JESUÍTAS BRASIL



27 DE SETEMBRO

APROVAÇÃO OFICIAL DA COMPANHIA DE JESUS

6 EDITORIAL

- Cantar o mistério da vida
Pe. Eliomar Ribeiro, SJ

7 CALENDÁRIO LITÚRGICO

8 ENTREVISTA + PEREGRINOS EM MISSÃO

- O sonho de ser missionário
Pe. José Laércio de Lima, SJ

10 O MINISTÉRIO DE UNIDADE NA IGREJA + SANTA SÉ

- Papa propõe reconstruir o pacto global pela educação
- Livro sobre movimentos populares tem prefácio escrito pelo Papa

12 ESPECIAL

18 MUNDO + CÚRIA

- Ecologia atrai atenção do diálogo ecumênico e inter-religioso

19 AMÉRICA LATINA + CPAL

- Nota em defesa da Amazônia
- Jesuíta visita a Paróquia de São Paulo (Peru)
- Reunião da comissão de coordenação da REPAM Colômbia
- Salve a vida na Amazônia

21 EDUCAÇÃO

- Programa de inclusão da UNICAP
- Colégio São Luís conquista código no College Board



Coral da Schola Cantorum, do Pateo do Collegio



22 PROMOÇÃO DA JUSTIÇA SOCIOAMBIENTAL

- Atuação do Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados no Brasil



24 CUIDADO DA AMAZÔNIA

- Jesuítas e indígenas no cuidado da Casa Comum

25 NA PAZ DO SENHOR

- Padre Guido Roque Lawisch, SJ
- Padre Licurgo Tamiozzo, SJ

27 JUBILEUS / AGENDA

EXPEDIENTE

EM COMPANHIA é uma publicação mensal dos Jesuítas do Brasil, produzida pelo Escritório de Comunicação BRA.

COMUNICAÇÃO BRA

noticias@jesuitasbrasil.com
www.jesuitasbrasil.com

DIRETOR EDITORIAL

Pe. Anselmo Dias, SJ

EDITORA E JORNALISTA RESPONSÁVEL

Silvia Lenzi (MTB: 16.021)

REDAÇÃO

Maria Eugênia Silva
Silvia Lenzi

DIAGRAMAÇÃO E EDIÇÃO DE IMAGENS

Érica Silva

COLABORADORES DA 58ª EDIÇÃO

Ana Ziccardi (revisão). Um agradecimento especial a todos que colaboraram com a matéria especial desta edição.



Pe. Eliomar Ribeiro, SJ
Diretor Nacional da Rede Mundial de Oração do Papa (Apostolado da Oração) e do MEJ

É próprio de toda cultura humana encontrar formas de expressar-se por meio de cantos, rituais, danças, cores, sinais. O povo de Israel aprendeu a louvar a Deus com cantos, salmos, hinos e poemas. Para a liturgia da Sinagoga, a salmodia ocupa um lugar de suma importância. O povo constrói salmos com base nas situações diferentes da própria vida: louvor, penitencial, procissão.

Nas comunidades cristãs, salmos e hinos são muito valorizados. Nas cartas de Paulo às comunidades nascentes, encontramos exemplos variados da utilização do hino para louvar a Deus e afirmar a fé da igreja primitiva.

Com a organização dos livros e rituais da Liturgia cristã pelo Papa Gregório Magno, no começo do sétimo século, a Igreja ganhou também um compêndio musical que, até hoje, leva o nome desse Papa: o canto gregoriano. Foram peças musicais para cantar, sobretudo, as partes fixas da celebração eucarística: Kyrie, Gloria, Aleluia, Santo, Agnus Dei. A melodia gregoriana também foi base para se entoar o Pai Nosso, o Credo, as Anáforas, as Orações, entre outras.

CANTAR O MISTÉRIO DA VIDA

A preocupação em relacionar a celebração com a vida está presente desde sempre, pois o canto ajuda a dizer o sentimento preso na garganta. Uma vez, quando ainda no Noviciado, encontrei-me com Irmão Lindbergh Pires, SJ, que dedilhou no violão e cantou o que estava acabando de compor: “Canto a vida, canto o amor, o labor de cada irmão, cada homem que constrói seu viver cada manhã. Canto aqueles que tombaram e seu sangue derramaram proclamando com coragem o valor de cada irmão”.

“

*É PRECISO CUIDAR
PARA NÃO PERDERMOS
O SENTIDO MAIS
PROFUNDO DAQUILO
QUE CANTAMOS
QUANDO CELEBRAMOS
O ‘MISTÉRIO DA FÉ’ ”*

Há uma relação entre a música sacra, a liturgia e a ação social que precisa ser preservada e valorizada. Como vivemos em tempos de muita dispersão, distração e deturpação, é preciso cuidar para não perdermos o sentido mais profundo daquilo que cantamos quando celebramos o “mistério da fé”. É preciso garantir critérios para o canto das celebrações, recordando o antigo adágio latino “*lex orandi, lex credendi, lex celebrandi, lex vivendi*”.

Hoje, muita coisa é oferecida aos nossos ouvidos e sentidos, porém nem tudo

vale a pena. Há cantos e músicas que depreciam a pessoa humana e sua situação social e cultural. Não é possível ser servidor da missão de Cristo abrindo a boca para cantar certas músicas que massacram nossos ouvidos todos os dias.

O canto litúrgico brota da vida da comunidade e expressa a sacramentalidade da Igreja, seu caráter ministerial, realçando o zelo e o cuidado do Bom Pastor e a solidariedade que identifica os discípulos de Cristo na sua relação com os demais. Como nos recorda o Concílio, “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo. Não se encontra nada de verdadeiramente humano que não lhes ressoe no coração” (*Gaudium et Spes*, 1).

Venho acompanhando tantas Paróquias que se esmeram no cuidado com a liturgia. Vão descobrindo as belezas estética, pastoral, litúrgica e teológica dos textos e melodias selecionados para cantar o mistério pascal de Cristo. Vejo, também, com muita esperança e alegria, os cantos da piedade popular dedicados à Mãe de Jesus, ao Sagrado Coração de Jesus, aos Santos e Santas. O peregrino é convidado a unir o próprio coração ao Coração de Cristo com uma prece. No deserto das nossas grandes cidades, das nossas casas, dos nossos ambientes de trabalho, faria bem um refrão, um mantra diário que conecte o meu coração ao do Mestre. ■

Boa Leitura!

CALENDÁRIO LITÚRGICO
PRÓPRIO DA COMPANHIA DE JESUS

SETEMBRO

DIA 2

São Tiago Bonnaud e companheiros mártires
Beato Thomás Sitjar e companheiros mártires



São Pedro Claver

DIA 9

DIA 10

Beato Francisco Gárate



São Roberto Bellarmino

DIA 17



Pe. José Laércio Lima, SJ

O SONHO DE SER MISSIONÁRIO

A espiritualidade inaciana e a vida missionária dos jesuítas foram fundamentais para que o padre José Laércio de Lima decidisse entrar para a Companhia de Jesus. Em entrevista ao informativo **Em Companhia**, o secretário para Paróquias, Igrejas, Santuários e Capelanias da Província do Brasil conta um pouco de sua história de vida e da sua atual missão. “Andando Brasil afora, vi muitos jesuítas empenhados, leigos e leigas engajados, doando a vida sem limites. Isso tudo me ajuda a transpor, para a minha experiência, o tipo de formação que devo dar, o modo de paróquia que devo construir”, ele revela.

► **Conte-nos um pouco sobre a sua história.**

Nasci em Vitória de Santo Antão (PE) e sou o único filho homem entre quatro irmãs. Foi ali, na zona rural, na comunidade eclesial de base em Pernambuco, que fui aprendendo a ser Igreja. A experiência da fé cresceu dentro de casa, com a influência de meus pais, agricultores, e outros familiares.

Deus foi se fazendo presente no cotidiano, fui crescendo na comunidade e sentindo que ali era o meu lugar. Tornei-me catequista, animador, coordenador de pastorais, até que mudei para a cidade grande e lá encontrei a Igreja com outro rosto, mais movimentada e mais dinâmica, em um ritmo diferente, já que era cidade grande.

► **Como conheceu a Companhia de Jesus? Por que decidiu ser jesuíta?**

Conheci a Companhia por meio de uma amiga de espiritualidade in-

aciana, Religiosas da Instrução Cristã, que tem um Colégio Damas, na minha cidade. Por meio dela, em um encontro vocacional para jovens, conheci o Pe. Antônio Raimundo Souza Mota, jesuíta. Naquele encontro, ele falou sobre a vida missionária dos jesuítas, a vida em comunidade fraterna e sobre espiritualidade. Apaixonei-me pelas características e, até hoje, continuo apaixonado.

A experiência vocacional não caiu do céu, foi uma junção de sinais, fui percebendo como Deus me falava. O que me fazia feliz, o que me consolava. Assim, ao conhecer esse primeiro jesuíta, senti que ali havia substrato, solidez, firmeza na proposta para a vida cristã de um jovem que sonhava ser missionário. Encontrei-me em casa, até hoje.

► **Quais as experiências mais marcantes que o senhor vivenciou durante sua formação como jesuíta?**

A experiência da peregrinação, quando, ainda no noviciado em 1998, caminhei com outro amigo jesuíta durante 11 dias, a pé, pedindo esmolas e lugar para dormir, sem poder revelar a identidade. Essa experiência faz parte das cinco grandes experiências que fazemos durante o noviciado. Até hoje, sinto os efeitos dela, pois nos ajuda na liberdade interior e a nos colocar na pele das pessoas que sofrem e padecem da pobreza real. Fomos da Bahia a Ser-

gipe durante os 11 dias, todas as noites conseguimos casa para dormir, nunca nos faltou comida. Sentimos como se o Deus da providência caminhasse conosco.

A outra experiência marcante foi o trabalho com as mulheres marginalizadas em situação de prostituição durante a minha Teologia, em Belo Horizonte. Foram três anos de muito aprendizado. Esse trabalho faz parte das pastorais sociais da Arquidiocese de Belo Horizonte (MG) e está totalmente voltado para o apoio e fortalecimento da vida da mulher, que está fragilizada pela situação de pobreza ou por causa da prostituição. Foram três anos de experiências profundas com Deus presente na vida daquelas mulheres.

► **Como o trabalho de pároco ajuda na missão de ser secretário para Paróquias, Igrejas, Santuários e Capelanias?**

O trabalho de pároco me ajuda a ver o local, o particular. Isso me leva a compreender as dificuldades, as dores e as alegrias dos meus companheiros párocos. Ou seja, aplicar aquilo que vejo de bonito e procurar não repetir os erros. Andando Brasil afora, vi muitos jesuítas empenhados, leigos e leigas engajados, doando a vida sem limites. Isso tudo me ajuda a transpor, para a minha experiência, o tipo de formação que devo dar, o modo de paróquia que devo construir. Especialmente, neste tempo em que há as paróquias geográficas e as afetivas, aquelas escolhidas pelas pessoas para participar. Afinal, na cidade grande, há muitas oportunidades de escolher onde devemos viver a experiência de fé.

► **Diante de uma mudança de época, qual o sentido pastoral e eclesial das paróquias?**

O sentido da pastoral eclesial é ser presença reveladora do rosto misericordioso de Deus, onde quer que seja. Isto é, fazer com que as pessoas não percam a fé e a esperança de que Ele é o nosso sustento e sentido principal da vida. A paróquia deve ser lugar de acolhimento, de escuta, de desenvolver os dons das pessoas e a casa de oração. Ali, devem aprender a ser para os demais irmão. A paróquia é lugar de

encontro com o sagrado, que se estende no cotidiano da vida das pessoas. Por isso, a paróquia é o lugar de aquecer o coração e, assim, formar identidade. Ali, nos constituímos como grupo, como Corpo de Cristo. Crescemos como Igreja, em comunhão com os irmãos e irmãs. É, na paróquia, que a experiência de Jesus se faz concreta, na vivência solidária e fraterna. Mas tudo isso deve estar expresso na vida litúrgica e na oração, para que não haja separação da vida de fé e da vida cotidiana.

► **Descreva, brevemente, as características de uma paróquia jesuíta.**

O Papa Francisco diz que a paróquia não perdeu seu significado e, mais do que nunca, é importante para a missão da Igreja. Uma paróquia jesuíta deve ser isto: ajudar as pessoas a colocarem Jesus no centro de suas vidas, a serem mais solidários, missionários, fraternos e litúrgicos (características de uma paróquia jesuítas na América Latina – Documento da CPAL). Sendo assim, a paróquia jesuíta deve estar centrada em Cristo e ajudar os fiéis a perceberem que a vida em comunidade tem sua extensão no cotidiano e vice-versa; a prática da caridade, a vida em oração e a dimensão profética devem andar alinhadas, os pobres, os sofredores, devem fazer parte da nossa vida paroquial. A fraternidade deve ser um sinal visível da nossa fé em comunidade. Tudo isso deve revelar como oramos e como nos apresentamos diante de Deus. De modo especial, fundamentada nas bases da espiritualidade inaciana. ■

LIVRO SOBRE MOVIMENTOS POPULARES TEM PREFÁCIO ESCRITO PELO PAPA

O valor e os desafios das associações sociais que lutam contra a exclusão no mundo são o tema central do prefácio escrito pelo Papa Francisco, de próprio punho, para o livro *A irrupção dos Movimentos Populares: Rerum novarum do nosso tempo*.

O Santo Padre inicia sua reflexão afirmando que as pessoas que vivem nas periferias territoriais e existenciais não são apenas um setor da população a ser alcançado pela Igreja, mas são “uma semente, uma renovação que, como o grão de mostarda, dará muito fruto” porque os concebe como “alavanca de uma grande transformação social”.

“

OS MOVIMENTOS POPULARES PODEM REPRESENTAR UMA FONTE DE ENERGIA MORAL PARA REVITALIZAR NOSSAS DEMOCRACIAS”

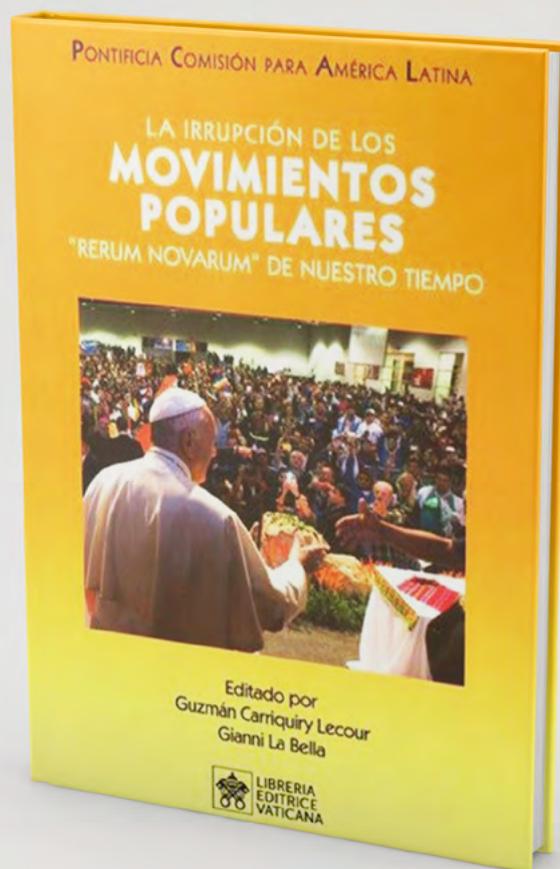
Papa Francisco

Assim como a segunda Preferência Apostólica Universal da Companhia de Jesus, que nos orienta a “caminhar com os pobres, os descartados do mundo, os vulneráveis em sua dignidade em uma missão de reconciliação e justiça”, o Papa os concebe como verdadeiros protagonistas ativos, agentes do futuro da humanidade.

Reafirmando sua convicção de que a humanidade enfrenta, atualmente, uma transformação de época caracterizada pelo medo, pela xenofobia e pelo racismo, o Santo Padre garante que “os movimentos populares podem representar uma fonte de energia moral para revitalizar nossas democracias” e que eles são “uma esperança de que “tudo pode mudar”.

O livro, preparado pela Pontifícia Comissão para a América Latina, oferece os principais pronunciamentos feitos nos Encontros Mundiais que, desde 2014, reuniram milhares de representantes de movimentos populares em diversas partes do continente americano. ■

Fonte: Vatican News



PAPA PROPÕE RECONSTRUIR O PACTO GLOBAL PELA EDUCAÇÃO

Para marcar os cinco anos da encíclica *Laudato Si'*, o Papa Francisco lança uma iniciativa mundial sobre o tema *Reconstruir o pacto educativo global*, a ser realizada no Vaticano em 14 de maio de 2020. O evento será na Sala Paulo VI, precedido por uma série de seminários temáticos, em várias instituições, para acompanhar a preparação do encontro. Estão convidados profissionais que trabalhem em sala de aula ou na pesquisa, bem como dirigentes e jovens.

Como explica o Papa, em mensagem divulgada para lançar o evento, trata-se de um “encontro para reavivar o compromisso em prol e com as gerações jovens, renovando a paixão por uma educação mais aberta e inclusiva, capaz de escuta paciente, diálogo construtivo e mútua compreensão”.

Para Francisco, “nunca, como agora, houve necessidade de unir esforços numa ampla aliança educativa para formar pessoas maduras, capazes de superar fragmentações e contrastes e

reconstruir o tecido das relações em ordem a uma humanidade mais fraterna”.

A iniciativa do Pontífice é motivada pela mudança de época que estamos vivendo, não apenas cultural, mas também antropológica. Essa mudança gera novas linguagens e descarta, sem discernimento, os exemplos recebidos ao longo da história. Portanto, a educação é colocada à prova num processo que o Papa define como uma rápida aceleração e transformação dos pontos de referência. A consequência disso é a perda de consistência da própria identidade e a desintegração da estrutura psicológica.

Apresenta-se, então, a necessidade de construir uma *aldeia da educação*, isto é, partilhar o compromisso de gerar uma rede de relações humanas, abertas e fraternas. Francisco pede que haja diálogo sobre o modo como estamos construindo o futuro do planeta e sobre a necessidade de investir os talentos de todos: professores, alunos, famílias e sociedade civil. “Uma aliança entre os habitantes da terra e a casa comum, à

Confira na íntegra a mensagem do Papa:



<https://www.youtube.com/watch?v=6ibMvx1euiM>

qual devemos cuidado e respeito. Uma aliança geradora de paz, justiça e aceitação entre todos os povos da família humana, bem como de diálogo entre as religiões”, convida o Papa.

Para alcançar esses objetivos globais, Francisco indica três passos, ou melhor, *três coragens*: a coragem de colocar a pessoa no centro, a coragem de investir as melhores energias e a coragem de formar pessoas disponíveis para se colocarem a serviço da comunidade.

Estão convidados os profissionais, pelos mais variados títulos, que trabalhem dentro da sala de aula, ou na pesquisa, e personalidades públicas que ocupem, em nível mundial, lugares de responsabilidade e preocupam-se com o futuro das novas gerações. Mas não só: o convite é dirigido também aos jovens, “para que sintam plena responsabilidade de construir um mundo melhor”. ■

Fonte: Vatican News

Foto: VaticanNews



MÚSICA LITÚRGICA

DA AÇÃO SOCIAL À APROXIMAÇÃO COM O SAGRADO

Ao longo do tempo, vamos nos acostumando com as rotinas. Aprendemos a realizar tais e tais atos, ritos e repetições de maneira automática. Isso acontece também com a nossa fé.

Fomos batizados e catequizados. Adquirimos uma bagagem de conhecimentos e práticas e, se não buscamos mais, caímos na armadilha do cotidiano. Às vezes, vamos às celebrações e não participamos, apenas

assistimos, ou buscamos alívio de nossas dores e sofrimentos, sem fazer a ligação do sagrado com a vida.

Nessa roda-viva das repetições de ritos na expressão de nossa fé durante a celebração eucarística – a missa –, podemos esquecer, ou valorizar muito pouco, os momentos importantes do rito da missa, de participação coletiva de comunhão e de fraternidade, durante a liturgia, entre os quais estão os cantos.

De norte a sul, em um país de dimensões continentais como o Brasil, encontramos várias experiências de canto litúrgico. A pluralidade, bonita e necessária, é sintoma de uma Igreja que não se limita a práticas engessadas, mas comporta diferentes tipos de expressão artística. >

“Canta e caminha. A vida cristã é um caminho, mas não é um caminho triste, é um caminho jubiloso”, Papa Francisco citou Santo Agostinho para desenvolver as músicas que acompanham suas caminhadas.

FORTE: VATICAN NEWS



OS FUNDAMENTOS DA MÚSICA LITÚRGICA

“Quando a comunidade canta, ela comunga com o acontecimento central da fé: a vida do Senhor ressuscitado. Por isso, a música litúrgica goza de sacramentalidade: além de ser um símbolo, conta com a força do Espírito Santo, que nos associa ao Filho e nos faz cantar e confessar as maravilhas de Deus”, explica o padre Washington Paranhos, SJ.

O jesuíta, atualmente professor no Departamento de Teologia da Faculdade Jesuíta (FAJE), relembra que um dos aspectos que chamou a atenção dos europeus vindos para as terras brasileiras foi a importância que os indígenas davam aos cantos e às danças. Essa característica da cultura local foi percebida pelos estrangeiros, que visavam se comunicar, e pelos eclesíasticos, que buscavam evangelizar e propagar a Palavra do Senhor.



A MÚSICA LITÚRGICA NÃO É UM APÊNDICE E TAMPOUCO VISA PREENCHER UM VAZIO NA CELEBRAÇÃO. ELA É PARTE INTEGRANTE E INDISPENSÁVEL DA AÇÃO LITÚRGICA.”

Felipe Bernardo

Pe. Washington explica que a música litúrgica – composta por texto, ritmo, melodia e instrumentos – tem uma finalidade ministerial porque dá relevo e amplia as mensagens de fé, além de estimular as comunidades envolvidas a participarem dos acontecimentos celebrados. Esse tipo de música, segundo ele, difere de outros tipos de música religiosa cristã porque realiza, no próprio cantar, o mistério de Cristo.

Um paradoxo na história da Companhia de Jesus é apontado por padre Francys Silvestrini, SJ: “Por um lado, os jesuítas são dispensados de rezar a liturgia das horas em coro – orações nas quais, normalmente, cantam-se os salmos; por outro lado, já nas pri-

meiras missões entre indígenas, a música ocupava um lugar privilegiado na transmissão da fé. Já em nosso tempo, especialmente no período pós-conciliar, muitos jesuítas foram pioneiros na composição de músicas nas línguas vernáculas”, conta, citando como exemplos os padres Casimiro A. Irala Argüello, no Brasil, e Joseph Gelineau, na França.

Das grandes funções da música na liturgia, Pe. Francys destaca a de louvar a Deus com reverência e beleza em uma expressão de reconhecimento amoroso, o favorecimento da comunhão profunda entre os membros de uma assembleia, além do caráter bíblico-catequético que auxilia a formação cristã dos que escolhem participar das celebrações. “Uma li-

O canto litúrgico e sua escuta atenta são formas de rezar, já que são uma celebração com o objetivo de louvar a Deus. Na *Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium do Vaticano II*, lemos: “na Liturgia, Deus fala ao Seu povo, e Cristo continua a anunciar o Evangelho. Por seu lado, o povo responde a Deus com o canto e a oração” (nº 33). A *Constituição* também nos diz que “o canto não é um acessório artístico da Liturgia; ele é parte integrante da ação litúrgica. O canto sagrado, intimamente unido com o texto, constitui parte necessária ou integrante da liturgia solene” (nº 112).

Será bom o canto não só quando conserva a perfeição técnica da música, mas quando consegue significar a realidade boa e perfeita do culto. Pelo canto conhecemos e experimentamos a bondade mesma de Deus.

Fonte: A12

turgia hospitaleira deve ser capaz de abrir as portas da Igreja e o coração dos cristãos à fraternidade com os empobrecidos e ao zelo amoroso com a Criação”, completa.

Membro do corpo docente da FAJE, Pe. Francys relembra que os cristãos são incentivados a participar ativamente de todas as celebrações por meio da associação de sua voz ao coro da assembleia ou de uma escuta atenta. “Enquanto houver, neste mundo, pessoas desejosas de saborear a riqueza inesgotável da boa notícia de Jesus, o ‘canteiro de obras’ permanecerá aberto!”, afirma o jesuíta, acrescentando o desejo de que “a música continue sendo uma parceira privilegiada deste processo de evangelização”.

LIGANDO FÉ E VIDA

Mestre de Capela e organista titular no Pateo do Collegio, além de regente dos coros do Colégio São Luís, Felipe Bernardo explica que “a música litúrgica não é um apêndice e tampouco visa preencher um vazio na celebração. Ela é parte integrante e indispensável da ação litúrgica. O canto é o modo próprio da liturgia de ‘dizer’ o Mistério de Deus, por isso jamais pode ser rebaixada ao status de ‘trilha sonora”.

Durante a ação litúrgica, afirma Felipe, é quando celebramos as nossas “angústias e esperanças, tristezas e alegrias”.

O papel da música envolve todos aqueles que celebram, cantam, tocam e regem em todos esses sentimentos comuns, fazendo com que cada pessoa presente seja uma parte ativa no evento por meio da presença do próprio Cristo na sua Igreja. Como ele ressalta, a “escuta agradecida” torna-se também louvor a Deus.

Em 2017, Papa Francisco falou sobre problemas de linguagens, formas e gêneros musicais presentes na Liturgia, mencionando “uma certa mediocridade, superficialidade e banalidade, em detrimento da beleza e da intensidade das celebrações litúrgicas”. No mesmo documento, ele incentiva músicos, compositores, maestros e coralistas a contribuírem para a “renovação, sobretudo, qualitativa, da música sacra e do canto litúrgico”. Felipe Bernardo entende que, para que haja uma atualização da música sacra e litúrgica, “é preciso bom senso, conhecimento e formação musical adequada para um diálogo com as correntes culturais atuais, sem anular séculos de tradição musical, com inspiração naquilo que é ‘um tesouro de inestimável valor para a Igreja”.

O cantor José Vicente Filho, ou Zé Vicente, como é popularmente conhecido, conta um pouco sobre seus esforços na área. “Na minha caminhada, atendendo ao chamado que a música me fez, desde 1981, ao compor *Quando o Espírito de Deus Soprou*, tento me >

entender semeando e cultivando o campo da música celebrativa, mesmo criando várias canções usadas na liturgia formal, tento contribuir para três demandas: animação das comunidades, pastorais e movimentos sociais, nos seus encontros, manifestações, lutas diárias, romarias, celebrações da Palavra, e catequese; a música popular brasileira, nos temas maiores de nossas tradições e valores

regionais, étnicos, socioambientais, latino-americanos; e o ângulo litúrgico, com a sincera e humilde intenção de dilatar certos limites e fechamento, escravização das normas, sem a vibração e a alegria da essência original”.

Zé Vicente destaca que, desde as origens dos rituais sagrados das religiões, a música tem papel importante para tocar e abrir mentes e corações. Ele vê com certa preocupação que cantos em latim e expressões bíblicas em hebraico ou grego sejam propagados sem a devida e necessária tradução popular, pois entende que a prática possa distanciar os fiéis do ritual litúrgico, “traindo, a meu ver, a intenção primeira da comunidade cristã”.

A RELAÇÃO DOS JOVENS COM A MÚSICA LITÚRGICA

Pe. Francys - Os jovens são, geralmente, muito sensíveis à música. Há sempre grupos de jovens dispostos a animar uma celebração. São criativos e, muitas vezes, musicalmente competentes. Porém, com certa frequência, muitos não compreendem a distinção entre músicas de animação de encontros ou grupos de orações e as músicas litúrgicas, que devem ser a voz de uma assembleia - um “nós” orante - e estar a serviço de cada momento de uma celebração, do tempo litúrgico, das leituras do dia.

Felipe Bernardo - Diante da nossa experiência no Pateo do Collegio, percebo que o Coro atrai muitos jovens, tanto para a apreciação do estilo musical executado, pelo gosto e curiosidade com o órgão de tubos e também pela adesão para participar da *Schola Cantorum*. A beleza do canto sacro e litúrgico é atrativo para os jovens, assim como a prática e convivência coral que são um verdadeiro exemplo de comunidade. O que percebemos é que os jovens não estão buscando músicas semelhantes ao do seu dia a dia dentro da liturgia e sim algo que realmente acrescente a eles no âmbito musical e espiritual.

Zé Vicente - É com alegria que vejo, ao chegar em uma comunidade, tantos jovens tocando variados instrumentos, cantando, dançando, fazendo coreografias lindas, teatro, pinturas e, sobretudo, dialogando, sem preconceito com a boa música e a cultura de raiz local ou regional. Acho que aí estava um bem gracioso a ser buscado e cultivado para garantir à liturgia imunidade frente a doença do modismo colonizador, importado de fora, principalmente de um certo pentecostalismo norte-americano e imposto como o certo sobre nós.

A criatividade, a integração e a comunicação são os principais ideais do grupo Oração pela Arte (OPA), que desenvolve seus trabalhos, inclusive na área musical, buscando dar graças a Deus, ajudar e melhorar a sociedade, além de motivar e expandir o espírito criativo. O autor e compositor Luís Vieira da Silva, ou Luisinho Vieira, integra o grupo desde 1980. Em

seu modo de pensar, “se a música nos move para Deus, para o amor e para o bem, deve nos ajudar a seguir os caminhos para a Salvação”.

Luisinho ressalta a ligação entre a música litúrgica e a participação dos fiéis: “a música favorece a integração da comunidade à celebração, ao rito em si e a todos ali presentes. Assim como a missa é a comunhão da comu-

nidade, a música é a comum união dos que ali cantam e rezam com ela”. Para ele, a arte tem um poder que ajuda a transcender, “a música como uma ferramenta poderosa de disseminação de mensagens, como ato de amor, inclusive, pode e deve ser elemento de evangelização. A força da mensagem que, cantada e cantada, vai se instalando nos corações e mentes por onde é levada (nossa ‘casa comum’), só pode ser benéfica aos excluídos e a todos a quem ela atingir. Essa mensagem musical evangelizadora, seja instalada dentro da liturgia, seja levada para a Igreja em saída, é força vital na emoção das pessoas; age como oração profunda, fonte de fé e que nos leva a sermos felizes ao transformar em ações o que ‘ouvimos e cantamos [...] nossa sementeira’”.■

“A música que vem das entranhas do mar, da floresta amazônica e de todos os seres da terra toda, vai sim, alimentar a ação anunciada com tanto carisma e paixão, amor e misericórdia, por este Irmão Francisco e por milhões de seguidores, profetas e profetisas, do Reino.”

ZÉ VICENTE

Fontes: A12, Oração pela Arte (OPA)



ECOLOGIA ATRAI ATENÇÃO DO DIÁLOGO ECUMÊNICO E INTER-RELIGIOSO



O Padre Geral Arturo Sosa reuniu-se com seus conselheiros em ecumenismo e relações inter-religiosas em Roma (Itália), de 2 a 5 de setembro. O encontro, cujo objetivo foi a partilha de informações e reflexões, com vista ao Sínodo da Amazônia, abordou temas relacionados à ecologia e ao relacionamento com a natureza.

O grupo de conselheiros agora é composto por 11 membros, sendo que três deles participam do diálogo ecumênico com as igrejas orientais e protestantes, incluindo os pentecostais e os evangélicos. Já os outros oito estão

relacionados às religiões tradicionais africanas e indígenas das Américas e da Índia, como budismo, hinduísmo, islamismo e judaísmo. Depois de um tempo em que os conselheiros trabalharam juntos em um “secretariado autônomo”, o grupo voltou à liderança do Secretariado do Serviço para a Fé, com o padre James Hanvey como diretor.

O discurso do Padre Geral, na ocasião, teve três elementos principais: o profundo significado das Preferências Apostólicas Universais (2019-2029), a apresentação do trabalho do Secretariado do Serviço para a Fé e

algumas perguntas sobre o funcionamento do grupo de conselheiros.

A primeira parte do trabalho foi dedicada às trocas com convidados e, depois, em sessão plenária, ao exame da situação geral do diálogo ecumênico e das relações inter-religiosas na Companhia e na Igreja. O terceiro dia foi dedicado à discussão sobre a ecologia, com base na perspectiva de cada fé e religião e o último dia foi destinado a apresentar as respostas às três perguntas do Padre Geral e algumas recomendações.■

Fonte: Site da Cúria Geral

NOTA EM DEFESA DA AMAZÔNIA



JESUÍTAS BRASIL

A Província dos Jesuítas do Brasil, por meio da *Preferência Apostólica Amazônia (PAAM)* e do *Observatório Nacional de Justiça Socioambiental Luciano Mendes de Almeida (OLMA)*, o *Serviço Jesuíta Panamazônico (SJPAM)* e a *Conferência de Provinciais da América Latina e Caribe (CPAL)*, vem a público levantar a voz no cuidado da Casa Comum, desde o nosso chão, e pelo nosso chão: a Amazônia.

Com histórico de compromisso em protegê-la, estamos todos preocupados com os incêndios assustadores deflagrados na Amazônia, sobretudo, os que ocorreram, e ainda ocorrem, no Brasil e na Bolívia. A gravidade da tragédia causa impactos de grandes proporções, não apenas locais ou regionais, mas também planetárias, e exigem de nós respostas firmes e profundas pela defesa e pela promoção da floresta e dos povos que nela habitam. Afinal, qual mundo queremos para a atual e para as futuras gerações? Será que a ganância de alguns, que querem lucrar a qualquer custo, desmatando e promovendo queimadas para ampliar suas áreas para o agronegócio, pode ser maior do que a necessidade de respirar um bom ar,

ter uma boa água para beber e consumir alimentos saudáveis? Essas perguntas não podem nos calar.

É necessário e urgente cobrar das autoridades nacionais da Panamazônia medidas efetivas que protejam a Amazônia, sabendo que as queimadas têm como origem, principalmente, ações humanas. Por isso, nos pronunciamos, pedindo que essas autoridades:

- intensifiquem esforços no combate aos incêndios;
- atendam, com qualidade, aos afetados, sobretudo, os mais diretos, que são indígenas e ribeirinhos;
- estejam abertas ao diálogo e à ajuda internacional, encontrando soluções conjuntas para recuperar as áreas que foram devastadas ou estão vulneráveis;
- façam valer as políticas nacionais de áreas protegidas, de prevenção e combate ao desmatamento ilegal, demarcação de terras dos povos tradicionais, entre outras necessárias.

Também manifestamos o nosso compromisso com os projetos de vida dos povos da Amazônia. Particularmente, os povos indígenas, ribeirinhos e caboclos e as populações das cidades, não apenas as metrópoles, mas também do rosário de cidades ao longo dos rios da Panamazônia, que são chamadas a humanizar os espaços urbanos e interagir com as populações do interior para garantir um desenvolvimento justo e sustentável, em colaboração com os governos e organizações da sociedade civil.

Por fim, com base no princípio da Ecologia Integral e do Sínodo para a Amazônia, que nos interpela a agir, nos somamos a todas as pessoas e entidades que lutam pela defesa e promoção da Amazônia e, antes de nós, também levantaram suas vozes, como o Conselho Episcopal Latinoamericano (CELAM), a Rede Eclesial Pan - Amazônia (REPAM), a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a Coordenadoria das Organizações indígenas da Bacia Amazônica (COICA) e outros autores. ■

Manaus – AM, 30 de agosto de 2019.

João Renato Eidt - Provincial do Brasil

David Romero Bravo - Delegado para a Amazônia

José Ivo Follman - Diretor do OLMA

Alfredo Ferro - Diretor do SJPAM

Roberto Jaramillo - Presidente da CPAL

JESUÍTA VISITA A PARÓQUIA DE SÃO PAULO (PERU)

Nos dias 10 e 11 de agosto, o padre jesuíta Valério Sartor esteve na cidade de San Pablo — pertencente ao Vicariato de San José de Amazonas (Peru) — para conhecer a realidade e o trabalho que as Irmãs Escravas Missionárias de Jesus estão realizando como

responsáveis pela Paróquia de São Paulo. Elas também colaboram com o Leprosário San José, que funciona há mais de 50 anos nesse local, atendendo a oito pacientes idosos com marcas visíveis de hanseníase, como cegueira e mutilações. Além da visita



e celebrações de Missas com a comunidade, Pe. Sartor também conversou com as Irmãs sobre a possibilidade de os estudantes jesuítas fazerem, em dezembro, a experiência de missão de férias na paróquia, sendo acompanhados por elas. ■

REUNIÃO DA COMISSÃO DE COORDENAÇÃO DA REPAM COLÔMBIA

Aproveitando a realização da Assembleia pré-sinodal da Igreja Colombiana, a comissão coordenadora e assessora da REPAM Colômbia (Rede Eclesial Pan-Amazônica) reuniu-se em Bogotá, no dia 15 de agosto, para definir um plano de ação e projeção com relação ao Sínodo. Na reunião,

compareceram Dom Óscar Urbina Ortega, presidente da Conferência Episcopal Colombiana; Dom Héctor Fabio Henao, diretor da Secretaria Nacional de Pastoral Social da Igreja Colombiana; Pe. Michael Czerny, SJ, um dos secretários especiais do Sínodo; e Pe. Alfredo Ferro, SJ, que integra

a comissão coordenadora e a equipe de assessores. Nessa oportunidade, conseguiram avançar em uma proposta conjunta para formular linhas de ações estratégicas focadas em formação e capacitação, incidência, comunicação, justiça socioambiental e o Sínodo. ■

SALVE A VIDA NA AMAZÔNIA



O padre jesuíta Valério Sartor participou, dia 23 de agosto, do *Plantón por la selva, por la vida*, em frente ao Consulado do Brasil, em Leticia (Colômbia), com um grupo de pessoas preocupadas com a destruição da Amazônia brasileira, causada pelos inúmeros incêndios dos últimos dias. O protesto foi realizado por representantes dos movimentos indígenas e

organizações sociais e ambientais, com o fim de exigir que o governo brasileiro tome providências urgentes para salvar a Amazônia das ameaças atuais.

Durante o ato de protesto, os manifestantes recolheram mais de mil assinaturas da população que apoiou a iniciativa e logo foi protocolado o abaixo-assinado junto ao consulado brasileiro. ■

Fonte: Carta Mensal Pan-Amazônia (nº 63/Agosto/2019)

Acesse www.jesuitasbrasil.com/cartapanamazonia e leia a íntegra desta e de outras edições.

PROGRAMA DE INCLUSÃO DA UNICAP

A Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), com apoio do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Nebi), lançou o Programa Bolsas de Inclusão, com o intuito de incentivar a igualdade no ambiente acadêmico. Foram disponibilizadas 200 bolsas para alunos negros e indígenas, distribuídas em 28 cursos. O processo seletivo ocorreu, unicamente, por meio da nota do Enem.

A procura pelas bolsas surpreendeu a instituição: mais de 800 jovens foram em

busca da oportunidade, quando a estimativa era de 300 pessoas. “As aulas foram imediatamente iniciadas. Ocorreu a aula inaugural, que chamamos de *Aulão de boas-vindas*, para coroar todo esse processo. Nós entendemos que os novatos queriam celebrar essa conquista. Ficamos impressionados como os jovens da periferia do Recife (PE), realmente, têm um sonho, que é fazer um curso universitário, e eles compreenderam que a Unicap seria esse lugar”, disse o padre Clóvis Cabral, educa-

dor social da universidade.

“Espero conseguir concluir a graduação, chegar aonde eu quero e inspirar outras pessoas que sonham, pois sempre sonhei estudar na Unicap e, hoje, estou aqui”, diz a aluna Odara Hana, de 18 anos, concluindo: “Sou a prova viva de que sonhos realmente podem se tornar realidade, não só para mim, como também para outros jovens”.

Fonte: site Quero Bolsa

COLÉGIO SÃO LUÍS CONQUISTA CÓDIGO NO COLLEGE BOARD



O College Board é uma associação americana que tem como objetivo ampliar o processo de admissão dos estudantes ao Ensino Superior. Criada em 1900, atualmente, a organização reúne mais de 6 mil instituições, entre colégios, faculdades e universidades de diferentes países. Recentemente, o Colégio São Luís conquistou o CEEB (College Entrance Examination Board), número de registro na associação.

O coordenador de Língua Inglesa e do Departamento Internacional do CSL, João Rodrigo Agildo, ressalta a

importância desse passo. “O estudante que deseja cursar a graduação no exterior precisa fazer sua candidatura em diferentes plataformas ou nos sites das universidades escolhidas e, para isso, ele precisa inserir o código do colégio onde estudou. A partir de agora, quando nossos alunos realizarem essa etapa, imediatamente, aparecerão todas as informações do Colégio São Luís (história, localização, perfil da escola etc.)”, explica.

Como o processo de admissão nas instituições internacionais é exten-

so – o histórico do aluno e o perfil do colégio em que estudou são criteriosamente analisados –, o código no College Board torna-se ainda mais importante. “Além disso, o Colégio publicou o seu School Profile, que apresenta para o mundo universitário quem é o CSL em termos acadêmicos, de missão e de valores. Essa é mais uma conquista para a nossa comunidade”, afirma Agildo.

Fonte: site da Rede Jesuíta de Educação Básica (RJE)

ATUAÇÃO DO SERVIÇO JESUÍTA A MIGRANTE E REFUGIADOS NO BRASIL



Grupo de Migrantes no Escritório SJMR em Belo Horizonte (MG)

O Serviço Jesuíta a Migrante e Refugiados (SJMR), por meio do Projeto Acolhe Brasil, desde o segundo semestre de 2018, tem mobilizado frentes de apoio à acolhida de migrantes venezuelanos por todo o País. Estima-se que 4 milhões de venezuelanos deixaram sua terra natal desde 2014, devido à insegurança, escassez de comida, ausência de serviços de saúde e de medicamentos. Destes, 85 mil vieram para o Brasil em busca de uma vida melhor.

A interiorização de venezuelanos tem desempenhado papel fundamental dentro da estratégia liderada pelo Governo Federal e executada com apoio do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) e da Organização Internacional para Migrações (OIM). Com mais de mil venezuelanos interiorizados em menos de um ano, o Projeto Acolhe Brasil chegou a vários estados e mobilizou redes

solidárias de acolhida e assistência social em todo o território brasileiro.

Em São Paulo (SP), o SJMR mantém a Casa de Acolhida Dom Luciano em parceria com a Fundação Fé e Alegria, que faz a gestão da residência e apoia as atividades de capacitação profissional. Em oito meses de atividade, a casa já recebeu mais de 120 migrantes. “Nosso acolhimento é humanizado, com extrema preocupação em promover o resgate da dignidade dessas pessoas, desde as pequenas ações. E, aos poucos, vamos observando essa transformação de vida, para cada um deles”, conta o Irmão Edilberto Feitosa, um dos responsáveis pela condução dos trabalhos na capital paulista.

A Casa conta com o apoio de doadores e voluntários, inclusive, para a condução dos cursos de capacitação. As formações são semi-presenciais e ministradas por profissionais da área aos venezuelanos. “Muitos migrantes



Migrantes Venezuelanos em Capim Grosso (BA)

têm formação, mas não possuem a validação para exercerem sua profissão no Brasil. Assim, vimos que organizar uma capacitação profissional era a melhor forma de inseri-los no mercado de trabalho brasileiro”, relata Fabiane Kolosque, fisioterapeuta, uma das coordenadoras da capacitação profissional em São Paulo.

Em Belo Horizonte (MG), o projeto Acolhe Minas, conta com apoio do ACNUR, do SJMR, da Arquidiocese da

cidade, de instituições jesuítas como o Colégio Loyola, a Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) e a Escola Superior Dom Hélder, além de profissionais e refugiados venezuelanos que já residiam na cidade, estudantes e profissionais que atuam na área da saúde e assistência social e outras entidades. O projeto recebeu, neste ano, dois grupos, em um total de 91 migrantes. O primeiro grupo veio de Boa Vista (RR) e foi realocado em três casas de acolhida: duas na capital mineira e uma em Montes Claros, norte do estado.

Ainda na capital mineira, a Casa do Migrante, organizada com apoio do Vicariato de Ação Social da Arquidiocese de Belo Horizonte, da Paróquia da Boa Viagem e do ACNUR, já acolheu 34 ve-

nezuelanos, todos homens e solteiros. A residência jesuíta Casa Alberto Hurtado recebeu, ao todo, 16 venezuelanos. A Paróquia Nossa Senhora de Montes Claros e São José de Anchieta recebeu nove famílias venezuelanas. “Desde que chegou a proposta de acolhimento, paróquianos, conselheiros e comunidades vizinhas, imediatamente, realizaram campanhas e mobilizaram-se para arrecadar doações de alimentos, itens de higiene, roupas e móveis”, comenta Maria Goretti Silva Cordeiro, funcionária da Paróquia e voluntária no projeto de interiorização na cidade.

Já no estado da Bahia, no município de Camaçari, foram cedidas duas casas e ambientes de convivência no Sítio Loyola – espaço do Colégio Antônio Vieira (Salvador - BA). Lá, foram acolhidas sete famílias, em um total de 24 venezuelanos. Na região, o projeto conta ainda com o apoio do Serviço de Orientação Pastoral (Sorpa), que auxilia no apoio local, integração na comunidade e mediação para o trabalho.

Colaboradores e alunos do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Minorias Sociais (NEIMS) e do Núcleo Am-

biental do Vieira (NAV), do Colégio Antônio Vieira, também desenvolveram atividades recreativas e culturais com as crianças migrantes e construíram uma horta comunitária, para ajudar na subsistência das famílias acolhidas.

Em Capim Grosso (BA), a Associação Comunitária Assistencial da Criança e do Adolescente de Capim Grosso (ACACACG) e a Paróquia São Cristóvão, Diocese de Bonfim (BA), acolheram três famílias venezuelanas. A ACACACG, que acolheu os venezuelanos em sua própria sede, conta com uma rede de famílias e empresários solidários para amparar as ações dessa iniciativa.

Em Feira de Santana (BA), três famílias venezuelanas foram recebidas pelo Noviciado Jesuíta Nossa Senhora da Graças. “Quando decidimos acolher o grupo, não tínhamos a ideia dos sentimentos e sofrimentos que essas pessoas traziam. Hoje, nos sentimos parte dessa história e podemos vivenciar a experiência do amor fraterno. Estamos muito felizes e gratos por realizar esse trabalho”, comentou a voluntária Ana Lúcia Vieira, do grupo de apoio de Feira de Santana. ■

Fonte Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados



Mesa de café no Sítio Loyola em Camaçari (BA)

JESUÍTAS E INDÍGENAS NO CUIDADO DA CASA COMUM

A Amazônia (AM) vem sofrendo com incêndios que alcançaram dimensões de extrema gravidade. Dados do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) mostram que, no mês de setembro, foram registrados 19.925 focos de incêndio no bioma Amazônia. O chamado para cuidar da Casa Comum inspira medidas urgentes por parte dos jesuítas em favor dos povos da Amazônia, com o árduo objetivo de envolver o mundo inteiro para as questões que motivaram a convocação do Sínodo para essa região, por parte do Papa Francisco.

Em entrevista para o *Vatican News*, o padre Renato Colizzi, presidente do MAGIS – Movimento de Ação dos Jesuítas para o Desenvolvimento –, comentou sobre as ações que estão sendo colocadas em prática na região pan-amazônica. “Na Bolívia, no Brasil e no Peru, existem escolas comunitárias administradas pelos jesuítas onde está sendo colocado em prática um programa intercultural específico: fazer os habitantes dessas regiões compreenderem a importância do seu patrimônio. Muitas vezes, eles não têm consciência da riqueza da sua região e dos desastres que causam a destruição, como os incêndios”, disse o jesuíta.

“Uma segunda operação é a de ajudar as populações indígenas a tutelar as próprias tradições, começando pela defesa da língua local: o ideal seria publicar manuais e livros na sua língua, para que não seja perdida para sempre. Terceiro ponto, a ecologia. Deve ser explicado aos jovens que todo estilo de vida impacta, de modo negativo ou positivo, sobre todo o ecossistema. Eles devem conhecer a periculosidade de *lobbies*, como os da pecuária, da produção madeireira e da extração mineira”, completou o padre Renato Colizzi.

Durante a preparação para o Sínodo, o Papa Francisco já havia dito temer o de-

saparecimento da biodiversidade, além do surgimento de novas doenças letais e uma devastação da natureza que poderiam levar à morte da humanidade. Agora, na ante-véspera para a realização desse evento eclesial, o padre Renato Colizzi afirma que os jesuítas latino-americanos, respeitando este espírito, estão organizando reuniões nas quais as comunidades possam falar e se expressar.

“Ir ao encontro das pessoas e colocá-las em uma dinâmica sinodal eficiente representa um esforço pastoral imponente, mas necessário. A comunidade indígena tutela o território e o território hospeda uma comunidade. É o próprio Papa Francisco quem deseja que este Sínodo seja um momento de escuta das populações

locais”, contou o presidente do MAGIS.

No dia 28 de agosto, bispos e líderes da Amazônia brasileira reuniram-se em Belém (PA) para estudar melhor o documento de trabalho do Sínodo, *Instrumentum laboris*. Uma reunião considerada fundamental, segundo padre Renato: “É uma reunião que envia uma mensagem clara aos indígenas: vocês não estão sós! Faz com que eles compreendam que existem autoridades solidárias com eles. E isso ajuda muito. Saber que existe uma Igreja que ‘põe a mão na massa’ para enfrentar esses problemas dá coragem e acalenta o coração”.

Fonte: *Vatican News* e Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais)



O Sínodo para a Amazônia será realizado em Roma (Itália), no Vaticano, de 6 a 27 de outubro deste ano e tem como tema Amazônia: *novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral*.

O evento, proposto pelo Papa Francisco, foi uma resposta à realidade enfrentada pela região da Pan Amazônia (composta por cidades de oito países da América do Sul: Colômbia, Peru, Venezuela, Equador, Bolívia, Guiana Inglesa, Guiana Francesa, Suriname e Brasil) e seus habitantes, e tem como seus principais objetivos:

- **Conhecer** a riqueza do bioma, os saberes e a diversidade dos Povos da Amazônia, especialmente dos povos Indígenas, suas lutas por uma ecologia integral, seus sonhos e esperanças;

- **Reconhecer** as lutas e resistências dos Povos da Amazônia, que enfrentam mais de 500 anos de colonização e de projetos desenvolvimentistas pautados na exploração desmedida e na destruição da floresta e dos recursos naturais;

- **Conviver** com a Amazônia, com o modo de ser de seus povos, com seus recursos de uso coletivo compartilhados num modo de vida não capitalista adotado e assimilado milenarmente;

- **Defender** a Amazônia, seu bioma e seus povos ameaçados em seus territórios, injustiçados, expulsos de suas terras, torturados e assassinados nos conflitos agrários e socioambientais, humilhados pelos poderosos do agronegócio e dos grandes projetos econômicos desenvolvimentistas.

Fonte (do box): Rede Eclesial Pan Amazônica (REPAM)



NA PAZ DO SENHOR

PE. GUIDO ROQUE LAWISCH

Por Pe. Inácio Spohr e Pe. João Quirino Weber

Padre Guido Roque Lawisch nasceu em Boa Vista, localidade pertencente ao Município de Santa Cruz do Sul (RS), em 12 de outubro de 1942. Filho de Emilio Lawisch e Anna Frida Etges Lawisch, foi batizado no dia 25 de outubro, na Paróquia Três Mártires, em Linha Santa Cruz, no mesmo município de Santa Cruz do Sul.

Em 15 de agosto de 1960, depois de passar um tempo de estudos na Escola Santo Afonso, junto ao Colégio Cristo Rei, em São Leopoldo (RS), o Pe. Guido ingressou no Noviciado, em Pareci Novo (RS), como irmão jesuíta, emitindo os votos do biênio no dia 19 de agosto de 1962. Foi irmão jesuíta até 1980. Durante esses 20 anos, trabalhou em Pareci Novo até 1966 e, depois, foi enviado em missão a Roma, para a Casa dos Escritores. Trabalhou como cozinheiro até março de 1969. Voltando ao Brasil, em abril, trabalhou na Escola Santo Afonso, em São Leopoldo, ajudando a preparar os candidatos para Irmão, os afonsinos, até 1973. A missão seguinte foi em Nova Trento (SC), na Paróquia São Virgílio. Ajudou na Paróquia e no Seminário, onde foi regente do coral e auxiliar na secretaria.

Em Brusque (SC), Pe. Guido cursou filosofia e estudos sociais, de 1975 a 1977, começando a preparar-se para o sacerdócio. Estudou teologia no Colégio Cristo Rei de 1978 a 1981. Em 13 de dezembro de 1980, foi ordenado presbítero, em sua terra natal.

Foi membro da equipe de formação do Noviciado Paulo Apóstolo em Cascavel (PR), nos anos de 1982 a 1990. Era o pároco da Paróquia Santo Inácio e auxiliou a integração entre a formação espiritual jesuítica e os trabalhos pastorais de evangelização do povo da mesma paróquia. Foi um pároco zeloso, dedicado, alegre e acolhedor. Não se poupava, nem na sua saúde, como foi no fim de sua vida também, que o levou à morte tão inesperada.

Cumpriu a sua missão com bastante autonomia, mas nunca foi contra o trabalho apostólico dos noviços, nunca ficou fechado e, muito menos, criou qualquer tipo de divisão. Distribuía os serviços pastorais de fim de semana entre os padres e apoiava a presença dos noviços em seus trabalhos como Grupos Bíblicos, visitas às famílias e animação de liturgias.

Exerceu o ministério presbiteral na pastoral direta com o povo de Deus, também na Paróquia Senhor Bom Jesus, em Miraguai (RS); na Paróquia São João Berchmans, em São João do Oeste (SC); e na Paróquia dos Santos Mártires das Missões, em Salvador do Sul (RS).

Em 2011, assumiu, como reitor, o Santuário do Sagrado Coração de Jesus, em São Leopoldo. Exerceu essa missão até 28 de julho de 2019. Durante esse tempo, foi vice-postulador da causa de beatificação do Pe. Reus.

Alguns dias depois de passar o cargo de reitor do Santuário para o Pe. Raimundo Resende, SJ, foi internado e fez uma cirurgia cardíaca. Faleceu no Hospital Regina, em Novo Hamburgo (RS), no dia 17 de agosto de 2019. Tinha 76 anos de idade, 59 de vida religiosa e 39 de vida sacerdotal.

Padre Guido estava sempre disponível e pronto para a missão. Todos admiravam sua disponibilidade, dedicação e amizade. Homem de fé e dedicado ao atendimento daqueles que o procuravam. Sua alegria era manifestada no seu trato com as pessoas e na liturgia eucarística, animando as celebrações com o canto. Com espírito empreendedor, gostava de construir e reformar igrejas, mobilizando os fiéis a participarem do trabalho, como fez em Brasmadeira, Interlagos, Floresta e Consolata (PR). Era presença marcante em atos e ocasiões importantes do município, ajudando as pessoas a superarem adversidades.

A notícia do falecimento do Pe. Guido deixou muitas pessoas aflitas. Várias centenas de pessoas estiveram no seu velório e sepultamento. Na celebração de suas exéquias, estiveram presentes vários bispos, presbíteros e diáconos, para homenageá-lo em sua volta para a casa do Pai. ■



NA PAZ DO SENHOR

PE. LICURGO MARIA TAMIOZZO

Por Pe. Carlos Henrique Müller

Padre Licurgo Tamiozzo nasceu em 12 de setembro de 1934, em Vicenza (Itália) e foi batizado na Paróquia San Marco, na mesma cidade, quatro dias depois.

Ingressou na Companhia de Jesus na Itália, na cidade de Lonigo, em 6 de outubro de 1955. Fez os primeiros votos, no final do biênio, em 1957. Em Gallarate, estudou filosofia durante os anos de 1959 até 1962. Seu magistério ocorreu na cidade de Bergamo, de 1962 a 1963. Em 1963, saiu da Itália e veio ao Brasil, para a antiga Província da Bahia. Depois, foi enviado para os estudos teológicos em São Leopoldo (RS), no Colégio Cristo Rei, de 1964 a 1967.

Em 11 de dezembro de 1966, Pe. Tamiozzo foi ordenado presbítero em Rio Novo do Sul (ES), por Dom Luís Gonzaga Peluso. Fez sua Terceira Provação em Beberibe (CE), Recife (PE) e Itaici (SP), tendo como instrutor o Pe. Luciano Mendes de Almeida (1974). Em São Luís (MA), emitiu os últimos votos, na Igreja de Nossa Senhora dos Remédios.

Padre Licurgo Tamiozzo viveu sua vida como presbítero em variados trabalhos apostólicos. Em Salvador (BA), durante os anos de 1969 e 1970, trabalhou no Centro Social. Foi ministro e ecônomo no Colégio Antônio Vieira (CAV),

além de professor de ensino religioso. Exerceu ainda a coordenação de ensino religioso em Salvador (BA) e no estado da Bahia. Durante esse tempo, em 1969, fez estudos no Instituto de Pastoral Catequética (ISPAC), no Rio de Janeiro (RJ). Em 1976, voltou a Salvador, onde trabalhou, novamente, no Centro Social, foi vice-pároco e, depois, pároco no bairro Engenho Velho. Voltou a exercer a docência como professor de ensino religioso, até 1978. De 1979 até 1989, esteve, ainda em Salvador, no CAV e trabalhou na pastoral do primário. Na paróquia de Nossa Senhora de Lourdes, foi pároco.

De 1971 a 1974, foi pároco em Curralinho, povoado pertencente à diocese de Ponta de Pedras, na Ilha do Marajó (PA). Já no Maranhão, na cidade de São Luís, foi ministro da residência de Nossa Senhora dos Remédios. Também colaborou como vigário paroquial e capelão do hospital.

Os anos de 1991 e 1992 foram vividos em Teresina (PI), no Colégio São Francisco de Sales. Ali, coordenou o Ensino Religioso e a pastoral do Colégio. Ainda em 1991, foi enviado para Anchieta (ES). Foi Superior da comunidade, pároco e coordenou a restauração do Santuário de Anchieta. Trabalhou na postulação da causa de canonização de José de Anchieta. Trabalhou na cidade até o ano de 1997, quando foi enviado para Salvador, na comunidade de Santo Antônio da Barra, onde foi ministro. Na Arquidiocese, foi promotor do Apostolado da Oração. De 2001 a 2014, esteve em Salvador, trabalhando no CAV, dirigindo o Apostolado da Oração e o Movimento Eucarístico Ju-

venil, além de pároco de Nossa Senhora de Lourdes, entre 2002 e 2005.

Em 2015, foi para Fortaleza (CE), na Comunidade de Saúde e Bem-Estar São Luiz Gonzaga, para cuidar de sua saúde. Colaborou na Paróquia Cristo Rei e foi confessor na Catedral. Faleceu em 11 de setembro de 2019, um dia antes de completar 85 anos de vida.

O Pe. José Pablo Hernandez-Gil Monfort, companheiro de residência em Fortaleza, dá seu testemunho sobre o jesuíta:

“Pe. Licurgo Tamiozzo era um daqueles missionários italianos que aportaram no Nordeste com a intenção de testemunhar, com sua vida, a existência viva de Jesus de Nazaré.

Deu um testemunho de vida de total entrega à sua vocação, disciplinado e homem de oração. Conseguia também estar atento ao lazer comunitário liderando o cinema em casa, principalmente, quando vivia o Pe. Angelo Imperiali, amante do cinema e apreciador de música clássica. O Pe. Gigi Muraro, companheiro dele no noviciado, o define como o homem bom, responsável e abnegado nas provações.

Pe. Adriano nos comunicou, na missa de corpo presente, sua entrega definitiva e última. Pe. Licurgo lhe disse em uma de suas últimas conversas: ofereço meus sofrimentos destes últimos dias pela paz do mundo e da Companhia.

Depois de sua morte, senti sua presença ainda mais viva envolvendo com sua luz nossa residência. Que sua vida de entrega nos sirva de alegria e exemplo a seguir. Pe. Licurgo já deve estar gozando das alegrias eternas na morada de Deus.” ■

JUBILEUS

80 ANOS DE COMPANHIA

Em 11 de Setembro

Pe. Spartaco Francesco Ciccoti

AGENDA | OUTUBRO

11 A 13

EXPERIÊNCIA MAGIS

MAGIS Brasil

Tema A Experiência MAGIS Peregrinos do Círio

Local Belém (PA)

Site www.magisbrasil.com

15

CICLOS DE ESTUDOS E DEBATES

Centro de Promoção de Agentes de Transformação (CEPAT)

Tema Experiências exitosas da Política de Assistência Social na RMC

Local Sede do CEPAT

Orientadora Profa. Dra. Solange Fernandes (PUCPR)

E-mail cepat_cjciascuritiba@asav.org.br

Tel. (41) 3349-5343

16

YOGA CRISTÃ

Centro Loyola de Fé, Espiritualidade e Cultura de Goiânia

Tema Um caminho para Deus

Local Goiânia (GO)

Facebook @centroloyolagyn

Tel. (62) 3251-8403

19

ESCOLA DE LITURGIA

Anchietanum

Local São Paulo (SP)

E-mail secretaria@anchietanum.com.br

Tel.: (11) 3862-0342 / 96465-1414

22 A 23

EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS DE 5 DIAS

Casa de Retiros Vila Kostka

Orientador Pe. Luis G. Quevedo, SJ

Local Itaici - Indaiatuba (SP)

Site www.itaici.org.br

Tel.: (19) 2107-8500/2107-8501

23 A 31

RETIRO DE ACOMPANHAMENTO DIÁRIO

Centro de Espiritualidade Cristo Rei (CECREI)

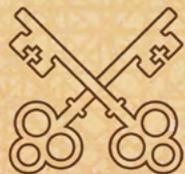
Local São Leopoldo (RS)

Orientador Pe. Quirino Weber, SJ

Site www.cecrai.org.br

E-mail cecrai@cecrai.org.br

Tel (51) 3081-4200



DIA MUNDIAL
MIGRANTE
REFUGIADO
29·IX·2019

NÃO SE TRATA APENAS DE MIGRANTES

TRATA-SE

- DE EDIFICAR A CIDADE DE DEUS E DO HOMEM
- DA PESSOA TODA E DE TODAS AS PESSOAS
- DE SE POR OS ÚLTIMOS NO PRIMEIRO LUGAR
- DE NÃO EXCLUIR NINGUÉM

